

**DUAS ORTOGRAFIAS, UMA LÍNGUA: AS VARIEDADES KARIPUNA E
GALIBI-MARWORNO DO KHEUÓL DO UAÇÁ**

**TWO ORTHOGRAPHIES, ONE LANGUAGE: THE KARIPUNA AND GALIBI-
MARWORNO VARIETIES OF THE KHEUÓL DO UAÇÁ**

Gelsama Mara Ferreira Santos¹

Universidade Federal do Amapá

Glauber Romling da Silva²

Universidade Federal do Amapá

Resumo: Este trabalho tem como objetivo descrever o processo de consolidação de duas ortografias feitas para as variedades do Kheuól do Uaçá (doravante, Kheuól). O Kheuól é uma língua crioula de base francesa falada pelos povos indígenas Karipuna e Galibi-Marworno que compartilham o mesmo território (Terras Indígenas do Uaçá e Juminã) localizado no município de Oiapoque, estado do Amapá, Brasil, fronteira com a Guiana Francesa. Este artigo foca na dinâmica da abordagem participativa adotada pelo projeto de documentação Valorização das Línguas Crioulas do Amapá. Este projeto apoiou o desenvolvimento de materiais didáticos e paradidáticos para ambas as variedades do Kheuól. Karipuna e Galibi-Marworno têm suas raízes em origens bem diferentes. Eles compartilham a mesma língua por uma série de interconexões históricas. O Kheuól tem sido descrito como “[...] um provável caso único de uma língua crioula adotada por uma população indígena como segunda língua que se tornou primeira língua dessa população.” (ALLEYNE & FERREIRA, 2007, p. 351). Este trabalho contribui para a discussão em curso sobre decisões técnicas e políticas que envolvem o desenvolvimento de ortografias de línguas ameaçadas de extinção.

Palavras-chave: línguas indígenas, documentação de línguas, desenvolvimento de ortografias.

Abstract: This paper aims to describe the process of consolidation of two orthographies made for the varieties of the Kheuól do Uaçá (henceforth, Kheuól). Kheuól is a French-based creole spoken by the Karipuna and Galibi-Marworno indigenous peoples who share the same territory (Terras Indígenas do Uaçá and Juminã) at the Oiapoque municipality of the Amapá state, Brazil,

¹ Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e Pós-Doutora em Antropologia Social-PPGAS, do Museu Nacional-UFRJ (2011). Professora do magistério superior do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena - Universidade Federal do Amapá - Campus Binacional do Oiapoque. Docente do Programa de Pós-graduação em Letras - PPGLT. Consultora linguista do Projeto de Documentação de Línguas Indígenas -PRODOCLIN - uma iniciativa do Museu do Índio (FUNAI-RJ) e UNESCO. E-mail: gelsama.santos@gmail.com.

² Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ e Pós-doutor pela Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP. Professor adjunto da Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade Federal do Amapá (Unifap), Campus Binacional em Oiapoque e do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLT) no campus Marco Zero. É membro do Núcleo de Estudos de Línguas Indígenas (NELI) e do Núcleo de Estudos de Povos Indígenas (NEPI). E-mail: glauberomling@yahoo.com.br.

in the French Guiana border. This article focuses on the dynamics of the participatory approach adopted by the documentation project Valorização das Línguas Crioulas do Amapá. This project supported the development of teaching and learning specific materials for both varieties of the Kheuól. Karipuna and Galibi-Marworno have their roots from quite different origins. They share the same language by a series of historical interconnections. Kheuól has been reported as “... a probably unique case of a creole language having been adopted by an indigenous population as a second language and then becoming the native language of that population.” (ALLEYNE & FERREIRA, 2007, p. 351). This paper contributes for the ongoing discussion on the technical and political decisions that involve the development of endangered languages orthographies.

Keywords: indigenous languages, language documentation, orthography development.

Submetido em 30 de junho de 2020.

Aprovado em 28 de agosto de 2020.

Introdução

Este trabalho tem como objetivo descrever e comentar o processo recente de consolidação de duas ortografias das variedades da língua kheuól do Uaçá (doravante kheuól), faladas pelos povos Karipuna e Galibi-Marworno. Buscamos apresentar uma experiência que abordou dois problemas: (i) como suprir a demanda por ortografias que respeitem a identidade de dois povos bastante diferentes mas que compartilham a mesma língua; e (ii) que abordagem utilizar para dinamizar a produção de materiais de consumo para pronta utilização nas escolas indígenas desses dois povos.

O kheuól é uma língua crioula de base francesa, falada por dois povos indígenas de origens bastante distintas, os Karipuna e Galibi-Marworno, que habitam as Terras Indígenas Uaçá e Juminã no município de Oiapoque, estado do Amapá, na fronteira com o departamento ultramarino francês da Guiana Francesa (ALLEYNE & FERREIRA, 2007; CAMPETELA *et al.*, 2017; FERREIRA, 1998; LADHAMS, 1995; PICANÇO & MONTEJO, 1996; SILVA & SANTOS, 2019; TOBLER, 1983; WITTMANN, 1987).

Este artigo está organizado em três partes. Na parte 1, apresentamos a história dos Karipuna e Galibi-Marworno, as interseções históricas que levaram esses povos distintos a compartilharem a mesma língua e informações atuais sobre população e território. Na parte 2, descrevemos a metodologia de documentação linguística utilizada para o desenvolvimento das oficinas que levaram à construção de duas ortografias distintas e à produção de materiais para imediato uso nas escolas indígenas. Na parte 3,

resumimos os principais resultados das discussões sobre temas gramaticais específicos que desembocaram em convenções ortográficas distintas, bem como comentamos as abordagens metalinguísticas distintas adotadas pelos falantes.

1. Karipuna e Galibi-Marworno: história, memória, língua e povos

Os povos Karipuna e Galibi-Marworno falam variedades distintas da mesma língua por causa de um conjunto de interseções históricas. A região em que habitam destaca-se por ser uma área fronteiriça disputada por Brasil e França até o ano de 1900 (CAVLAK, 2016; GALLOIS & GRUPIONI, 2003; NIMUENDAJU, 1926). O kheuól foi a língua franca da região desde o seu nascimento em meados do século XVIII no atual departamento ultramarino da Guiana Francesa (GALLOIS & GRUPIONI, 2003; NIMEUNDAJU, 1926; VIDAL, 2007). A língua era falada por colonos franceses, indígenas de diversas etnias e por povos africanos escravizados. O kheuól guianense faz parte do *continuum* de línguas crioulas de base francesa que nasceram no contexto da colonização francesa do Caribe, e inclui o haitiano, os crioulos de Guadalupe, Antilhas e Santa Lúcia. Podemos dizer que o kheuól do Uaçá, nas variedades faladas pelos Galibi-Marworno e Karipuna na atualidade compõem mais um exemplo desse *continuum* (ALLEYNE & FERREIRA 2007; TOBLER, 1983).

Na primeira metade do século XX, devido ao encerramento da disputa franco-brasileira, os indígenas do lado brasileiro foram alvo de políticas agressivas que visavam à ocupação e ao estabelecimento da fronteira norte entre os municípios de Oiapoque, no lado brasileiro, e Saint-Georges d'Oyapok, do lado francês. Dentre essas políticas, podemos citar o estímulo ao ensino do português, a inserção do ensino formal de viés nacionalista e o reagrupamento forçado de certos povos em aldeias maiores (CAPIBERIBE, 2009; GALLOIS & GRUPIONI, 2003).

Os ancestrais dos Galibi-Marworno³ e Karipuna sofreram abordagens distintas dessas políticas, uma vez que eram vistos de maneira diferente pelo governo brasileiro em relação ao seu pertencimento indígena. Os antepassados dos Galibi-Marworno tinham o *status* de indígenas indisputado pelo governo brasileiro, enquanto os Karipuna

³ Os Galibi-Marworno não existiam como etnia autoidentificada no início do século XX. O processo de construção identitária desse povo ocorreu no curso do século XX e se deu de maneira relativamente consciente e dirigida (GALLOIS & GRUPIONI, 2003). Por isso, utilizamos sempre os termos “ancestrais” ou “antepassados” quando a referência envolve outros momentos históricos.

eram chamados, em alguns documentos históricos, de “os brasileiros do Curipi” (NIMUENDAJU, 1926, 2003; RICARDO, 1983; TASSINARI, 2003; VIDAL, 2001, 2007). Essa diferenciação de *status* era proposital e servia aos interesses do governo brasileiro em relação à ocupação do território. Os ancestrais Galibi-Marworno habitavam as margens do rio Uaçá, que se encontra na direção norte com o rio Oiapoque, marco natural da linha fronteiriça (figura 1). Portanto, a pretexto de atender a uma população indígena, o governo brasileiro poderia consolidar sua presença na região. Os Karipuna, por sua vez, habitavam as margens do rio Curipi, que não encontra seus limites fora do território nacional (figura 2) (GALLOIS & GRUPIONI, 2003).

Figura 1. Rio Uaçá (em vermelho), fronteira Brasil-Guiana Francesa (em cinza).



Fonte: Google Maps 2020

Figura 2. Rio Curipi (em vermelho), fronteira Brasil- Guiana Francesa (em cinza).



Fonte: Google Maps 2020

A identidade Galibi-Marworno se construiu e se consolidou no decurso do século XX (GALLOIS & GRUPIONI, 2003; VIDAL 2001, 2007). Inicialmente, seus ancestrais compunham populações de origem karib e arawak espalhadas pelas ilhas da região. Os ancestrais dos Galibi-Marworno consistem dos Maraón e Aruán, povos que falavam línguas pertencentes à família linguística karib e que já se encontravam na região do Uaçá no século XVII e XVIII respectivamente (ARNAUD, 1969, p. 02;

NIMUENDAJU, 2017; VIDAL, 2017) Com as políticas voltados à consolidação da fronteira, foram reunidos de maneira forçada em aldeias maiores. O ex-cacique da aldeia Kumarumã Paulo Silva relata memórias dessa época:

[...] tinha um chefe da Funai, na época do SPI que praticamente, a ideia dessas pessoas que fizeram fundar a aldeia de Kumarumã, por causa da escola mesmo, da educação. Ninguém morava junto, era tudo espalhado em ilhas aqui pra cima. Na ilha do Soraimon. Ilha do Manaú, mesmo. Ilha chamada Vie Ville, Posto Velho. Tudo por aí, habitavam pessoas. Cada família era um chefe de aldeia. Então, eles moravam espalhados entre os campos e savanas, tem um rio chamado Tapamurú. Até lá tinha pessoas morando. Até lá em cima, subindo o rio, tinha pessoas morando. Eles moravam nessas ilhas. Atualmente, nós moramos numa única aldeia, a aldeia de Kumarumã. A primeira escola que foi implantada aqui. Ela nasceu em 1945. Na época da Segunda Guerra Mundial... a escola tava sendo implantada, os primeiros esteios. Estavam dando início na construção. Antes, tinha escola que as pessoas estudavam, numa pequena casinha. Mas a criação da aldeia de Kumarumã mesmo, foi por causa da... unir o povo para levar seus filhos para a escola (OS GALIBI-MARWORN, 2019).⁴

Nesse contexto utilizou-se a escola como elemento catalisador populacional. A aldeia Kumarumã, a mais antiga e que existe até hoje, cresceu ao redor da escola recém-criada nos anos 1934. Com o passar do tempo, as diversas línguas minoritárias desapareceram e o kheuól, que já era língua franca, emergiu como primeira língua. O caso Karipuna e Galibi-Marworno consiste no único caso relatado até hoje de povos indígenas que adotaram uma língua crioula como primeira língua (ALLEYNE & FERREIRA, 2007).

No caso dos Karipuna, não há ponto pacífico sobre sua origem exata nem sobre em que momento passaram a falar o kheuól. Sabe-se, no entanto, que eles descendem de indígenas remanescentes da Cabanagem, revolta colonial do século XIX com epicentro em Cametá, no estado do Pará, além de terem recebido levas de migrantes do nordeste no início do século XX. Algumas fontes, ainda que de maneira inexata, indicam que os ancestrais dos Karipuna já falavam kheuól desde o século XIX e que, alguns, falavam, inclusive nheengatu (GALLOIS & GRUPIONI, 2003; VIDAL, 2017).

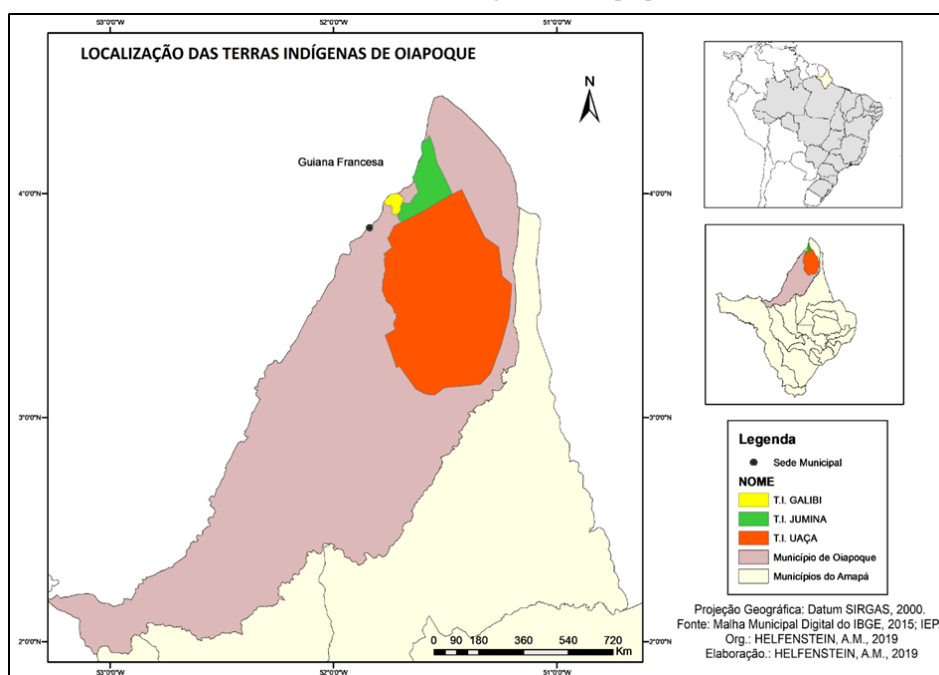
Os Karipúna, conforme eles próprios relatam, foram originados por elementos que falavam a língua geral da Amazônia (Tupi), imigrados do estreito de Breves (Pará) em consequência da revolução da Cabanagem ocorrida na década de 1830. Inicialmente, estabeleceram-se no rio Ouanari (Guiana Francesa), havendo logo em seguida atravessado para a margem direita do Oiapoque indo habitar no alto Curipi.

Trecho do documentário “Os Galibi-Marworno” produzido pelo Coletivo de Audiovisual Galibi-Marworno, 2019.

(1969, p. 02).

Hoje, os povos Karipuna e Galibi-Marworno estão distribuídos em duas terras indígenas: Juminã e Uaçá, no município do Oiapoque, estado do Amapá. Nos dados recentes da FUNAI (2017), a população Karipuna era de 2.505 e a Galibi-Marworno de 2.117 indivíduos.

Figura 3. Terras Indígenas de Oiapoque



Fonte: HELFENSTEIN A. M. (2019, p. 33).

Atualmente, Karipuna e Galibi-Marworno são falantes de variantes dialetais distintas da língua kheuól. Ao longo do século XX, os ancestrais dos povos Galibi-Marworno e Karipuna adotaram como primeira ou segunda língua⁵ cada vez mais o português. A influência do português, após 1900, marcadamente, levou a um processo de diferenciação que afetou, em sua face mais evidente a fonética e a fonologia do kheuól, que se aproximou do português. Internamente, o kheuól do Uaçá diferencia-se sobretudo no léxico e em alguns processos fonéticos-fonológicos (CAMPETELA *et al.*, 2017; SILVA & SANTOS, 2019).

No último quartel do século XX, o código de compreensão do *status* de “indígenas que falam uma língua crioula” mudou de uma chave de interpretação

⁵ O quadro sociolinguístico é bem complexo e incompleto. Para uma investigação inicial, cf. Carvalho (2020).

negativa e purista para uma abordagem positiva de valorização de uma história com “muitos encontros”. A partir da constatação básica de que língua indígena é língua falada por indígenas, Karipuna e Galibi-Marworno reforçaram o kheuól como língua de identidade. Passaram, assim, a reivindicar um passado histórico em que a prática e a disseminação do kheuól foram duramente reprimidas pelo Estado (GALLOIS & GRUPIONI, 2003; TASSINARI, 2003) por, justamente, serem consideradas lesivas a uma ideia de unidade nacional. Em se tratando de uma região amazônica de fronteira delimitada somente no ano de 1900, “brasilianizar” a região era necessário, isso significava acabar com quaisquer traços que remetessem a uma presença francesa na região. Em paralelo, medidas oficiais para converter esses povos indígenas em mão-de-obra nacional disponível foram empreendidas desde então (RICARDO, 1983, p. 2).

Na década de 1980, o Conselho Indigenista Missionário (CIMI) desenvolveu uma descrição inicial da língua Kheuól (MONTSERRAT & SILVA, 1984), com uma proposta de ortografia para os dois povos, utilizando como referência monolítica e unilateral a variedade Karipuna. Obviamente, os Galibi-Marworno não se sentiam contemplados por essa ortografia.

O projeto cujo processo e resultados descrevemos neste artigo teve como objetivo resolver questões ortográficas, confeccionar materiais didáticos e paradidáticos, produzir material audiovisual e, em paralelo, iniciar a formação em nível de mestrado de professores indígenas da área de Ensino de Língua Materna. Os conteúdos trabalhados foram abordados em dois diferentes momentos. No primeiro, abordamos questões mais amplas que envolveram concepções de diferença dialetal, identidade linguística e domínios de uso. No segundo, conteúdos mais específicos, buscamos discutir temas gramaticais de maneira técnica e as suas possibilidades de representação ortográfica. Esse arcabouço buscou subsidiar as escolhas ortográficas que, em geral, levaram em conta menos critérios práticos e de eficiência do que políticos e de identidade. O processo de construção de ortografias distintas refletiu o ímpeto de ambos os povos de delimitarem suas diferenças a partir da reificação de suas variedades dialetais.

2. O Projeto Valorização das Línguas Crioulas do Norte do Amapá: o Kheuól do Uaçá

Os processos históricos de disputas e conflitos políticos, as consequências do processo irreversível da colonização que dizimaram etnias inteiras e que fundiram povos de etnias diferentes, fazem parte do roteiro das histórias de origem dos povos Karipuna e Galibi-Marworno. Hoje, esses dois povos mantêm harmoniosas relações comerciais, matrimoniais e cerimoniais que alimentam uma rede de intercâmbios que fortalecem e mantêm as boas relações de vizinhança. A relação assimétrica desses povos com as frentes de contato oficiais do governo afetou de forma muito rápida o repertório linguístico e, conseqüentemente, impactou na transmissão de conhecimentos tradicionais entre as diferentes gerações (RICARDO, 1983, p. 2; ASSIS, 1981, p. 103).

As demandas atuais de cooperação em ações para fortalecimento e manutenção da língua *kheuól* chegaram através dos alunos indígenas Karipuna e Galibi-Marworno ao Curso de Licenciatura Intercultural Indígena (doravante CLII) da Universidade Federal do Amapá, criado em 2007. Os professores da área de linguagens e códigos, juntamente às comunidades indígenas, criaram um projeto de documentação linguística e cultural de abordagem colaborativa (GIPPERT *et al.*, 2006; SILVA, 2018) com vistas à produção de materiais didáticos para uso nas escolas indígenas. Dessa forma, construiu-se a proposta do projeto Valorização das Línguas Crioulas do Norte do Amapá⁶.

O termo “línguas” no título e concepção do projeto foi utilizado em sua dimensão política. Tecnicamente, considera-se o *kheuól* do Uaçá apenas uma língua com duas variedades dialetais distintas, Karipuna e Galibi-Marworno. No entanto, fora dos círculos acadêmicos, termos como “dialeto”, assim como “gíria” e “linguajar”, sempre foram utilizados para designar línguas minoritárias de maneira pejorativa (cf. FRANCHETTO, 2008; MOORE *et al.*, 2008). Politicamente, referenciar-se a cada uma das variedades como línguas lhes confere um *status* de paridade e prestígio, necessário metodologicamente em um projeto de valorização linguística. Nesse sentido, um dos primeiros temas abordados nas oficinas consistiu em explicar a diferença entre língua e dialeto para além de sua dimensão política conhecida imediata para o aspecto técnico até então estranho aos falantes.

Edital/2015 do Conselho Federal Gestor do Fundo de Defesa de Direitos Difusos (CFDD)- MINISTÉRIO DA JUSTIÇA (MJ).

O projeto foi construído com o objetivo principal de produzir e promover conhecimentos linguísticos e culturas dos povos indígenas Karipuna e Galibi-Marworno, adotando a estratégia de formação de pesquisadores indígenas, com o objetivo de subsidiar, potencialmente, políticas de preservação e revitalização linguística e cultural. A equipe do projeto foi formada pelos professores do CLII autores deste artigo. Além dessa equipe, o projeto contou com a participação efetiva de professores indígenas que conduziram todo o processo de feitura dos livros, definindo, desde o *layout*, as cores, as ilustrações e o principal: os conteúdos das obras. A equipe de correção da ortografia dos livros foi composta pelos professores Galibi-Marworno - Jaciara Santos da Silva, Nordevaldo dos Santos e João Alexandre Bertiliano Charles; e os Karipuna - Janina dos Santos Forte, Estácio dos Santos⁷, Grimoaldo Felipe dos Santos e Lurdimar dos Santos.

As ações do projeto foram planejadas para serem executadas paralelamente nos dois povos, Karipuna e Galibi-Marworno. Foram realizadas dez oficinas de formação num período de dois anos (2017-2019). As atividades foram desenvolvidas na aldeia Santa Izabel, no território Karipuna e na aldeia Kumarumã, nos Galibi-Marworno. Como resultado concreto, o projeto entregou aos dois povos: dois livros didáticos (SILVA *et al.*, 2019b; FORTE *et al.*, 2019b), dois livros paradidáticos (SILVA *et al.*, 2019a; FORTE *et al.*, 2019a) e dois documentários em formato de DVD: “Os Karipuna do Uaçá” e “os Galibi-Marworno”. Esses documentários foram produzidos pelos coletivos de audiovisuais formados pelos jovens Karipuna e Galibi-Marworno nos quais eles apresentam a língua e a cultura dos seus povos.

Como metodologia de trabalho, utilizamos a capacitação de jovens através de oficinas de formação, de transferência de metodologia de documentação de línguas e culturas. Discutimos os processos de documentação linguística e ensinamos suas ferramentas, como o software ELAN⁸ para a transcrição e tradução de eventos de fala e o FLEEx⁹ para a produção de bases de dados linguísticos. Cada povo indicou dez jovens para participar das atividades da oficina de filmagem e edição e da oficina de

⁷ O professor Estácio dos Santos, ainda muito jovem, participou da construção da primeira ortografia do *kheuól* com o CIMI nos anos.

⁸ Disponível em: <https://archive.mpi.nl/tla/elan>. Acesso em 11 de ago. de 2020.

⁹ Disponível em <http://software.sil.org/fieldworks/download/fw-8312/>. Acesso em 11 de ago. de 2020.

planejamento visual e produção de material didático. Criamos um grupo de trabalho (GT) que conduziu a discussão sobre a ortografia da língua kheuól.

As questões acerca do sistema de escrita utilizado nas escolas Karipuna e Galibi-Maworno foram conduzidas pelo GT formado basicamente por professores indígenas e alunos do CLII. Em paralelo, empreendemos oficinas de registro, em áudio e vídeo, de eventos de fala (cantos, rezas, narrativas, depoimentos) representativos culturalmente. O objetivo da oficina foi construir narrativas utilizando as ferramentas audiovisuais como mecanismo de valorização de seus conhecimentos tradicionais. A veiculação da língua em outras mídias, para além da escrita, teve como objetivo expandir os domínios de uso da língua atingindo outros espaços além do espaço escolar (FRANCHETTO, 2005). Os jovens tiveram contato com equipamentos de última geração, filmadoras, máquinas fotográficas, gravadores além de exercícios de filmagem como, enquadramento, foco, direção de fotografia, captação de som e construção de roteiro.

Ainda como parte da formação dos jovens pesquisadores indígenas, realizaram-se oficinas para produção de materiais didáticos e paradidáticos, com vistas à veiculação das ortografias recém-desenvolvidas. No decorrer das oficinas, os jovens tiveram conhecimento da estrutura do livro (itens pré-textuais e pós-textuais); compreensão básica dos processos de produção e impressão de livros em gráficas e de métodos caseiros. Também promovemos o estudo em nível iniciante de *softwares* de edição de imagens (*Adobe Photoshop*) e de editoração de livros (*Adobe Indesign*) com exercícios de confecção e impressão de livretos. Acreditamos que somente processos de capacitação em documentação linguística e cultural com uma abordagem verdadeiramente participativa podem funcionar como estimuladores da valorização e promoção da diversidade desses grupos. Nesse sentido, a instrumentalização técnica para a produção prática de material para uso imediato, que não dependam de complexas, caras e demoradas cadeias de produção editoriais básicas, são essenciais para o alcance desse empoderamento.

3. O desenvolvimento das ortografias Karipuna e Galibi-Marworno: a identidade na diferença

Todo o processo de produção de materiais específicos relatado na seção anterior só foi possível graças à confecção de ortografias distintas para cada um dos povos. As

demandas ortográficas dos povos Karipuna e Galibi-Marworno partiam de motivações relativamente distintas. O sistema de escrita adotado até a atualidade nas escolas Karipuna e Galibi-Marworno para o ensino do *kheuól*, como já citado acima, foi feito na década de 80 pelo Conselho Indigenista Missionário - CIMI (MONTSERRAT & SILVA, 1984). Na época, somente representantes da etnia Karipuna participaram desse processo. Isso gerava insatisfações diferentes para ambos. Os Karipuna reclamavam da falta de atualização da ortografia, já os Galibi-Marworno, com maiores motivos para reclamações, sempre relatavam a total falta de representatividade de sua variedade no material utilizado.

As oficinas de confecção de materiais didáticos para o ensino de língua materna realizadas nas aldeias de ambas as etnias buscaram abarcar dois aspectos. O primeiro deles foi o aspecto técnico que teve como objetivo subsidiar as convenções ortográficas. Nesse quesito, buscamos fazer um levantamento dos principais temas gramaticais e correlacioná-los com as possíveis formas de representação ortográfica. Por exemplo, como podemos representar os nomes compostos? Com separação por hífen, com um espaço simples ou em apenas uma palavra? O outro aspecto trabalhou o viés cultural e representativo. Nessa parte, abordamos desde a elaboração dos termos metalinguísticos utilizados (p. ex. como podemos chamar ‘til’, ‘hífen’, ‘acento’ em *kheuól*?) até a escolha adequada de exemplos e de figuras representativas para cada tema.

Em ambas as experiências de desenvolvimento das ortografias Karipuna (KP) e Galibi-Marworno (GM)¹⁰ houve discussões de questões gramaticais do nível morfossintático, como a representação dos sintagmas nominais simples, dos sintagmas nominais complexos, com e sem artigos, da reduplicação de aspecto no verbo, e das palavras interrogativas. No nível fonético-fonológico, debateu-se a representação da nasalidade, da abertura vocálica e dos *glides*. Por fim, buscamos convencionalizar a representação de aspectos lexicais específicos, como em palavras compostas, topônimos e variantes sociolinguísticas.

No nível morfossintático, Karipuna e Galibi-Marworno convergiram em relação à representação de sintagmas nominais simples (1-2), sintagmas nominais complexos (3-4) e palavras interrogativas (5-6). A divergência ocorreu somente na representação da

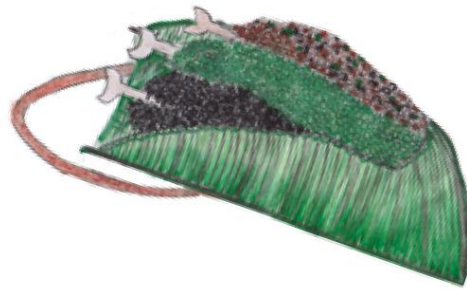
¹⁰ A partir de agora iremos utilizar as siglas KP – para ortografia Karipuna e GM para ortografia Galibi-Marworno.

reduplicação de aspecto no verbo (7-8). Nas glosas utilizadas, ‘DEF.SG’ significa ‘artigo definido singular’ e ‘DEF.PL’, ‘artigo definido plural’.

- (1) kaz-la (KP/GM)
casa-DEF.SG ‘a casa’
- (2) kaz-iela (KP/GM)
casa-DEF.PL ‘as casas’
- (3) ha/sa¹¹ katuhi [wasei-iela] (KP/GM)
ESTE jamãxi açai-DEF.PL
‘este jamãxi de açais’

Figura 4. Exemplo do livro Galibi-Marworno com um jamãxi com vários tipos de açai.

ha katuhi wasei-iela



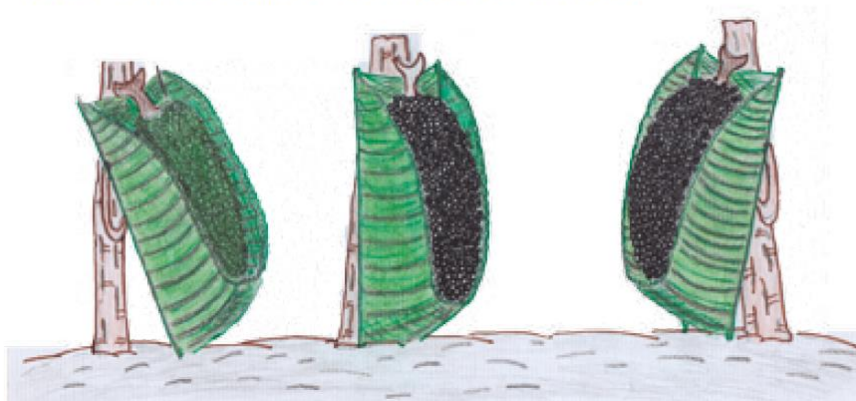
Fonte: SILVA *et al.* (2019b, p. 53)

- (4) ha/sa [katuhi wasei] iela (KP/GM)
ESTE jamãxi açai DEF.PL
‘estes jamãxis de açai’

Figura 5. Exemplo do livro Galibi-Marworno com vários jamãxis com açai.

¹¹ O pronome demonstrativo na escrita Galibi-Marworno grafa-se *ha*, em Karipuna, *sa*.

ha katuhi wasei iela



Fonte: SILVA *et al.* (2019b, p. 53)

O artigo definido plural pode ocorrer imediatamente posposto ao nome a que se refere (3), em grafia com hífen, ou interposto por outro nome (4), em grafia sem hífen. Nestes casos, optou-se por distinguir a sintaxe (representada nos exemplos pelos colchetes ‘[]’) através da alternância do uso do hífen nos respectivos casos.

As palavras interrogativas nas duas variedades do kheuól iniciam-se sempre pelo termo *ki*. Para essa categoria optou-se pela grafia em uma palavra só.

(5) kitã? (KP/GM)

ki-tã

que-tempo

‘quando?’

(6) kimun? (KP/GM)

ki-mun

que-pessoa

‘quem?’

Para a reduplicação de aspecto verbal¹², os Karipuna convencionalizaram a escrita com a separação de palavras (7); já os Galibi-Marworno optaram pela escrita em apenas uma palavra (8). Ambas as escolhas foram arbitrárias.

(7) li kase kase ja-la. (KP)
 ele quebrar quebrar jarro-DEF.SG
 ‘ele quebrou o jarro em pedaços.’

(8) li kasekase ja-la. (GM)

Representar graficamente o incremento semântico da reduplicação no aspecto verbal é bastante difícil. Ambos optaram por elaborar desenhos que contrastavam a forma básica do verbo com a forma reduplicada em exemplos onde o incremento aspectual denota “resultado múltiplo”. Na figura (6) temos o exemplo de (7); na figura (7), o exemplo em (9).

Figura 6. Exemplo do livro Karipuna com representações do verbo ‘quebrar’ em sua forma básica e reduplicada.



Fonte: FORTE *et al.* (2019b, p. 62)

(9) papa kupekupe pwasõ-la (GM)
 papai cortar.cortar peixe-DEF.SG

¹² A reduplicação de aspecto verbal em kheuól adiciona semânticas distintas ao verbo a depender de sua classe acional (*aktionsarts*). Alguns exemplos são: repetição de eventos (*pexe pexe* ‘pescar muitas vezes’), intensidade (*lave lave* ‘lavar bastante e repetidas vezes’), resultado múltiplo (*fãde fãde* ‘rasgar em retalhos’) e estado durativo e intenso (*kole kole* ‘muito bravo por muito tempo’). Para uma discussão em uma língua ciroula, ver Cursino (2018).

‘papai cortou o peixe em pedaços.’

Figura 7. Exemplo do livro Galibi-Marworno com representações do verbo ‘cortar’ na forma básica e reduplicada.

Papa kupe pwasõ-la

Papa kupekupe pwasõ-la



Fonte: SILVA *et al.* (2019b, p. 58)

No nível fonético-fonológico, a nasalidade é representada da mesma maneira: em vogais foneticamente nasais e em vogais de sílabas iniciadas por consoantes nasais grafa-se o til.

(10) kã (KP/GM)

‘quando’

(11) kanũ (KP/GM)

‘canoa’

As variedades Galibi-Marworno e Karipuna apresentam vogais meio-abertas [ɛ] e [ɔ] sempre em sílaba final com coda. Apenas a variedade Galibi-Marworno escolheu grafar essa diferença através do acento agudo:

(12) zeghét (GM)

(13) zeghet (KP)

‘garça’

(14) lekól (GM)

(15) lekol (KP)

‘escola’

A variedade Galibi-Marworno optou por usar o *w* para representar o *glide* labial quando não está em núcleo vocálico (16, 18). A variedade Karipuna utiliza *u* em todos os casos (17, 19, 21). O *glide* [j] é grafado com *i* em todos as variedades e casos (18-21):

(16) *pwasõ* [pwa.sõ] (articulação secundária em ataque silábico) (GM)

(17) *puasõ* (KP)

‘peixe’

(18) *wasei* [wa.sej] (em ataque silábico) (GM)

(19) *uasei* (KP)

‘açai’

(20) *kuiuhu* [kuj.u.hu] (em núcleo silábico) (KP/GM)

(21) *kuiuhu* (KP/GM)

‘espécie de peixe’

No nível lexical, palavras compostas são grafadas como uma palavra só em Galibi-Marworno e com hífen em Karipuna.

(22) *mamãsolei* (GM)

(23) *mamã-solei* (*lit.* mamãe-sol) (KP)

‘besouro’

No caso de topônimos e nomes próprios em geral não se estipulou regra nova. A convenção determinou manter a escrita consagrada. O nome da Terra Indígena que ambos compartilham manteve a escrita mais conhecida com *ç* e *u* em ataque, como em português (24). O grafema *ç* não ocorre em nenhuma das convenções ortográficas e o *u* em ataque inexistente em Galibi-Marworno.

(24) *Uaçá*

A variação de pronúncia mais destacada entre os Karipuna e os Galibi-Marworno é a debucalização representada na alternância da pronúncia entre [s] e [h] em

alguns contextos. Os Galibi-Marworno debucalizam [s] em morfemas funcionais (pronome e artigo) em posição não-inicial. Na glosa utilizada, ‘3.poss’ significa ‘pronome possessivo de terceira pessoa’.

(25) Mahi **so** pitxit (KP)

(26) Mahi **ho** pitxit (GM)

Maria 3.poss filho

‘filho de Maria’

(27) mo husuve ki boku kōtātmã **ha** nuvé-la (GM)

eu receber com muito alegria este notícia-DEF.SG

‘eu recebi com muita alegria esta notícia.’

(28) ha [sa] liv-la i fét ke boku kōtātmã (GM)

este livro-DEF.SG 3 feito com muito alegria

‘este livro foi feito com muita alegria.’

Os Galibi-Marworno escolheram grafar todos os casos com *h* (26-28), mesmo quando a pronúncia é com [s], como no exemplo (28). A opção pela convenção mais ‘fonética’ teve como objetivo reforçar e reificar a diferença entre as duas variedades.

Karipuna e Galibi-Marworno divergiram em quase todos os casos em relação à escolha de termos metalinguísticos (tabela 1).

Tabela 1. Termos metalinguísticos em kheuól (Galibi-Marworno e Karipuna).

TERMO	Galibi-Marworno	Karipuna	Tradução livre
Til	txiu ¹³	txisiapã	‘cobrinha’
Hífen	if	txithas	‘tracinho’
Palavras compostas	pahól kōpóxt	de pahol ki ka fome selmã un	‘duas palavras que formam somente uma’

¹³Não ocorre [w] em posição de coda em kheuól. Por se tratar de um empréstimo do português, decidiu-se atualizar para a escrita Galibi-Marworno com o uso do grafema *u*.

Reduplicação verbal	heduplikasiõ dji vehb	tut vehb ki ka pahet de fue ãsam	‘verbos que aparecem duas vezes juntos’
Palavras interrogativas	pahól ãthehogatxiv	tut pahol ki ka dumãde	‘palavras que perguntam’

Fonte: FORTE *et al.* (2019b); SILVA *et al.* (2019b)

O padrão de diferenciação para os termos metalinguísticos é bastante consistente. Os Galibi-Marworno optaram por adaptar os termos do português para a pronúncia de sua variedade. Os Karipuna, por sua vez, criaram termos novos, mais descritivos.

Esses exemplos refletem posturas distintas em relação ao papel da ortografia. Os Karipuna aproveitaram o segundo processo de atualização da ortografia de sua língua para simplificá-la com foco na praticidade do aprendizado. Não optaram por convenções *ad hoc* de acentos ou *glides* e, em certa medida, utilizaram a oportunidade para imporem termos metalinguísticos mais descritivos sem referência aos termos utilizados classicamente nas gramáticas normativas do português. Os Galibi-Marworno, no entanto, que experimentavam o processo pela primeira vez, buscaram elaborar “regramentos” mais próximos daqueles utilizados pelo português em uma tentativa de aproximar seus padrões de uma língua com mais *status* social¹⁴. Isso se reflete na regra de utilização de acento agudo, na representação do *glide* [w] e na opção fonética dos morfemas funcionais e na escolha pela utilização dos mesmos termos metalinguísticos do português devidamente adaptados para o kheuól Galibi-Maworno.

Considerações finais

Este trabalho descreveu e comentou o processo recente de consolidação das ortografias desenvolvidas para o kheuól do Uaçá nas variedades faladas pelos Karipuna e Galibi-Marworno.

Buscamos apresentar de maneira sucinta as complexas interseções históricas que levaram dois povos com origens bastante distintas a falarem, na atualidade, o kheuól, uma língua crioula de base francesa. Nesta parte destacamos as pressões das frentes

Agradecemos a um dos pareceristas anônimos pela observação. Quaisquer erros, omissões e imprecisões são de responsabilidade dos autores deste artigo.

governamentais que atuaram sob uma fronteira disputada até 1900 e que moldaram a composição dos povos da região de Oiapoque durante o século XX.

Descrevemos a metodologia de um projeto de documentação linguística que utilizou uma abordagem participativa com vistas ao treinamento de pesquisadores indígenas para a produção de materiais didáticos, paradidáticos e audiovisuais para uso imediato. Essa abordagem tem como objetivo principal eliminar cadeias complexas de produção editorial ineficientes que tornam quase impossível suprir a demanda por materiais específicos que deem conta da imensa diversidade linguística das línguas minoritárias do Brasil (MOORE *et al.*, 2008).

Comentamos as principais decisões ortográficas tomadas pelos dois povos para a representação de temas gramaticais nos níveis morfossintático, fonético-fonológico e lexical e para a elaboração de termos metalinguísticos próprios. A elaboração de ortografias diferentes, longe de ser um capricho de distinção dos povos Karipuna e Galibi-Marworno, tem como objetivo reificar identidades culturais que historicamente sempre sofreram com políticas governamentais de apagamento e de homogeneização para uma pretensa “integração nacional” de mão-de-obra barata¹⁵.

Este trabalho buscou contribuir para a discussão sobre as questões que envolvem os desafios de documentar, descrever e salvaguardar a imensa diversidade linguística das línguas indígenas brasileiras. Projetos de documentação linguística que envolvam uma abordagem participativa, com treinamento específico em meios e métodos de documentação linguística e de produção de materiais para uso nas escolas indígenas, juntamente à formação de pesquisadores e professores indígenas com conhecimentos nas principais áreas da descrição de línguas formam a base para a construção de uma sociedade que valorize realmente a diversidade linguística.

Referências

ALLEYNE, C. e FERREIRA, J-A. Comparative perspectives on the origins, development and structure of Amazonian (Karipúna) French Creole. In: HUBER, H. e VELUPILLAI, V. (Orgs.). *Synchronic and diachronic perspectives on contact*

¹⁵ O nome SPI (Serviço de Proteção aos Índios) só foi adotado em 1918. Na sua criação em 1910, o projeto atendia pelo nome de Serviço de Proteção aos Índios e Localização dos Trabalhadores Nacionais (SPILTN): <<http://www.funai.gov.br/index.php/servico-de-protecao-aos-indios-spi>>. Acesso em: 24 de jun. de 2020.

languages. Amsterdam/Philadelphia: John Bensamins Publishing Company, 2007.

ARNAUD, E. Os índios da região do Uaçá (Oiapoque) e a proteção oficial brasileira. In: O índio e a expansão nacional. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*. Belém, N. 40, p. 1-37, 1969.

ASSIS, E. C. Escola indígena: uma “frente ideológica”? Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Brasília: PPGAS-UNB, 1981.

CAMPETELA, C.; SANTOS, G. M. F.; SILVA, E. B.; SILVA, G. R. da. Documentação linguística, pesquisa e ensino: revitalização no contexto indígena do norte do Amapá. *Revista Linguística*. Vol. 13, N.1, p. 151-167, jan. 2017.

CAPIBERIBE, A. Nas duas margens do rio: alteridade e transformações entre os Palikur na fronteira Brasil/Guiana Francesa. Rio de Janeiro: PPGAS-MN/UFRJ, 2009.

CARVALHO, A. da C. O bilinguismo em aldeias Galibi-Marworno e Karipuna. *Revista Brasileira de Línguas Indígenas*. Vol. 1, N. 2, p. 05-18, 2020.

CAVLAK, I. Aspectos da colonização na Guiana Francesa e no Amapá: Visões Comparadas e Imbricações Históricas. *Revista de Estudos sobre as Américas*. Vol. 10, N 2. Brasília: UnB, 2016.

CURSINO, C. A. A relação entre as classes acionais, definitude do objeto e telicidade no predicado na interpretação temporal de passado no Crioulo Haitiano. Dissertação de Mestrado. Curitiba: Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná, 2018.

DEGRAFF, M. *Language creation and language change: Creolization, diachrony, and development*. Massachusetts: MIT Press, 2001.

ELAN (Versão 5.9) [Software de computador]. (2020). Nijmegen: Max Planck Institute for Psycholinguistics, The Language Archive. Obtido em <<https://archive.mpi.nl/tla/elan>>. Acesso em: 11 de ago. de 2020.

FERREIRA, J. S. *O povo Karipúna do Amapá e a fala dele*. Monografia de Especialização. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Línguas Indígenas Brasileiras do Setor de Antropologia do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1998.

FLEX (Versão 8.3.12) [Software de computador]. (2020). Dallas: Summer Institute of Linguistics. Obtido em <<http://software.sil.org/fieldworks/download/fw-8312/>>. Acesso em: 11 de ago. de 2020.

FORTE, J. S.; SANTOS, G M. F.; SILVA, G. R. da. CAMPETELA, C.; COSTA, I. L. (Orgs.). *No Lang No Mias - Liv paradjixik dji methes-ielá*. Macapá: Editora Unifap, 2019a.

_____. (Orgs.). *Ximê dji konetmã - Liv djixik dji methes-ielá*. Macapá: Editora Unifap, 2019b.

FRANCHETTO, B. Línguas em perigo e línguas como patrimônio imaterial: duas ideias em discussão. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Vol. 32, p. 182-202, 2005.

FRANCHETTO, B. A guerra dos alfabetos: os povos indígenas na fronteira entre o oral e o escrito. *Revista Mana*, Vol. 14, N. 1, p. 31-59, 2008.

GALLOIS, D.; GRUPIONI, D. *Povos indígenas no Amapá e Norte do Pará: quem são, onde estão, quantos são, como vivem e o que pensam?* São Paulo: Instituto Iepé, 2003.

GIPPERT, J.; HIMMELMANN, N.; MOSEL, U. *Essentials of language documentation*. Berlim: Walter de Gruyter, 2006.

HELFFENSTEIN, A. M. A influência das redes geográficas no atual estágio de desenvolvimento do município de Oiapoque - Amapá. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019.

HOLM, J. *An introduction to pidgins and creoles*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

LEFEBVRE, C. *Creole genesis and the acquisition of grammar*. Cambridge: CUP, 1998.

LADHAMS, J. Investigating the background of Karipúna Creole French, In: BAKER, P. (Org.). *From contact to Creole and beyond*. London: University of Westminster Press, 1995.

LIN, J. W. A tenseless analysis of Mandarin Chinese revisited: A response to Sybesma 2007. *Linguistic Inquiry*, Vol. 41, N. 2, p. 305-329, 2010.

MOORE, D.; GALÚCIO A.V.; GABAS Jr, N. Desafio de documentar e preservar línguas, In: CAPOZZOLI, U. (Org.) *Amazônia: destinos*. São Paulo: Duetto Editorial, p. 36-43, 2008.

MONTSERRAT & SILVA, 1984. GRAMÁTICA KHEUÓL - CIMI NORTE II – 1984.

NIMUENDAJU, C. Os índios Palikur e seus vizinhos. *Tradução do NHII-USP*, 1926.

OS GALIBI-MARWORNO. Produção: Coletivo Galibi-Marworno de Audiovisual. Oiapoque: 2019. DVD, digital (21 min), son., color.

OS KARIPUNA DO UAÇÁ. Produção: Coletivo Karipuna de Audiovisual. Oiapoque: 2019. DVD, digital (22 min), son., color.

PICANÇO, M. F. A língua kheuól do povo indígena Karipúna e Galibi-Marwono. *Boletim de Estudos Crioulos [Suplemento de Papia]* Vol. 3, p. 11–13, 1996.

RICARDO, C. A. *Povos Indígenas no Brasil*. São Paulo: CEDI, 1983.

SILVA, G. R. da. Documentação linguística, pesquisa e ensino: revitalização no contexto indígena do norte do Amapá. *Revista Linguística*, Vol. 1, N. 13, p. 151-167, 2018.

SILVA, G. R. da.; SANTOS, G. M. F. dos. O Kheuól do Uaçá: perspectivas em pesquisa. In: OLIVEIRA, E., VASCONCELOS, E. e SANCHES, R. *Estudos Linguísticos na Amazônia Setentrional*, Campinas, SP: Pontes Editores, 2019.

SILVA, J. S. da; SANTOS, N. dos; CHARLES, J. A. B; SANTOS, G M. F.; SILVA, G. R. da. CAMPETELA, C.; COSTA, I. L. (Orgs.). *No Liv dji ixtwa Galibi Marworno - Liv paradjidatk dji methés-ielá*. Macapá: Editora Unifap, 2019a.

_____. *Nate konétmã dji thavai - Liv djidatk dji methés-ielá*. Macapá: Editora Unifap, 2019b.

TASSINARI, A. M. I. *No bom da festa: o processo de construção cultural das famílias Karipuna do Amapá*. São Paulo: Edusp, 2003.

TOBLER, S.J. The grammar of Karipúna Creole, *Série Lingüística*, N. 10. SIL: Brasília, 1983.

VIDAL, L. Mito, história e cosmologia: as diferentes versões da guerra dos Palikur contra os Galibi entre os povos indígenas da Bacia do Uaçá, Oiapoque, Amapá. *Revista de Antropologia*, Vol. 44, nN.1, p. 117-147, 2001.

VIDAL, L. Povos indígenas do Baixo Oiapoque: o Encontro das Águas, o Encruzo dos Saberes e a Arte de Viver. 2ª ed. Rio de Janeiro: Museu do Índio e Iepé, 2007.

WITTMANN, H. Substrat et superstrat dans le français créole des indiens karipoun. Communication, 7e Congrès annuel de l'Association québécoise de linguistique, Ottawa p. 19-22, 1987.